



INSTITUTO JUNGUIANO DE SANTA CATARIA - IJUSC

Este paper é apresentado à Diretora de Ensino do IJUSC como pré-requisito para avaliação semestral do processo de Formação para Analista Junguiano.

Candidata: Maria do Carmo de Santana

Paper 4 – Florianópolis 13 de novembro de 2022.

TRILHANDO O CAMINHO DOS SONHOS

Neste trabalho, em momento algum, podemos perder de vista que o terreno em que pisamos é traiçoeiro e que nele, a única coisa certa é a incerteza. Temos quase vontade de alertar o intérprete dos sonhos: “Não queira entender!”, que não seja precipitado em suas interpretações (JUNG, OC 16/2 § 318).

O caminhar pelas veredas dos sonhos nos solicita um olhar atento, curioso e perspicaz para dialogar com seus símbolos e refletir sobre eles. Isso quer dizer que se deve ir para além da interpretação dos sonhos, pois sua linguagem vem do inconsciente que muito pouco conhecemos.

Minha relação com os sonhos vem de muito longe, quando ainda criança, este tema fazia parte das conversas que trazíamos na mesa do café. Todos os membros da família compartilhavam seus sonhos noturnos com os demais.

Nessa época, já tínhamos um certo entendimento sobre seus significados, porém de forma mais literal.

No período de graduação em Psicologia, quando me foi apresentada a teoria junguiana, fiquei muito interessada nesta nova perspectiva de análise e iniciei meu processo terapêutico nesta linha.

Durante este processo, os sonhos foram liberados e então pude perceber sua importância em meu processo de individuação. Iniciei o hábito de registrar, logo ao acordar, meus sonhos noturnos.

Há 16 anos, venho registrando meus sonhos e busco observar a relação desses com os fatos relacionais em minha vida real. Pude perceber, com esta prática, o quanto o inconsciente pode ser um guia fiel à nossa consciência, e, dessa forma, contribui para a transformação da dinâmica psíquica, e, conseqüentemente, muda nossas atitudes.

Este é um dos motivos que me instigou a pesquisar e me aprofundar um pouco mais sobre este assunto, levando também em consideração que a análise dos sonhos constitui um dos pilares da psicologia analítica.

Diante dessa perspectiva, busca-se, neste trabalho, trazer as percepções de Jung e de outros autores simpatizantes do pensamento junguiano, que contribuem com este conhecimento. Jung entende que, “como o sentido da maior parte dos sonhos, não coincide com as tendências da Consciência, mas revela divergências singulares, devemos admitir que o inconsciente, a matriz dos sonhos, tem um funcionamento independente” (JUNG, 1984, VIII/2, § 545). Isso corrobora com o Dicionário Junguiano, onde Pieri (2022, p. 478) escreve que “o sonho é um produto psíquico de natureza autônoma em relação à consciência”.

Este caráter autônomo do inconsciente revela sua grandeza em relação à consciência, sendo esta, a parte da psique mais acessível por nossa racionalidade, porém imersa e subordinada a sua totalidade.

Os conteúdos da consciência podem ser compreendidos e comunicados através da linguagem falada ou escrita (datada de 4000 anos antes de Cristo) enquanto os conteúdos inconscientes nos são revelados através de imagens, de forma simbólica. Para compreendê-los melhor precisamos entender os símbolos. Nesse sentido, Pieri (2022, p. 458) esclarece que

O termo deriva do grego *syμβάλλο*, “coloco junto”. Na Grécia antiga era comum o uso de cortar em duas partes uma moeda, um anel ou um objeto qualquer, e dar a metade a um amigo ou a um hóspede. Conservadas por uma e outra parte por gerações, tais metades permitiam aos descendentes das duas reconhecer-se. Nesta primitiva função prática, o termo designava, portanto, as duas metades de um objeto partido: uma vez colocadas juntas, elas recompunham o objeto, e desse modo cada uma se tornava sinal de reconhecimento para a outra. [...] Na literatura junguiana [...] indica uma expressão que é usada no lugar de outra razão pela qual se fala de função substitutiva do símbolo.

Portanto, para entendermos o sonho, precisamos nos empenhar em conhecer melhor sua linguagem simbólica que possibilita esta conexão entre o irracional e o racional, entre a natureza e a cultura, visando a união dos opostos.

Nem todo acontecimento é assimilado pela consciência, alguns ficam num estado subliminar e podem ser liberados nos sonhos através de imagens. Essas, por sua vez, só podem ser compreendidas se soubermos analisar os símbolos por elas evocados. Segundo Jung (2008, p. 25), “os sonhos são o mais fecundo e acessível campo de exploração para quem deseja investigar as formas de simbolização do homem”.

É nesta perspectiva que, na análise Junguiana, utilizamos o método de amplificação dos sonhos para poder acessar, também, os conteúdos arcaicos, implícitos nas imagens oníricas.

Os sonhos, portanto, trazem materiais psíquicos relevantes para o processo analítico e, através dos elementos por eles expressos, o analista pode compreender melhor as tendências ainda latentes do paciente de origem arquetípica, que tem suas raízes no inconsciente coletivo. É importante enfatizar a diferença entre pensamento coletivo e inconsciente coletivo¹.

Os sonhos, portanto, podem esclarecer sobre os conteúdos ocultos em nossas realidades individuais por estarem imersos num cenário coletivo, cujas origens arquetípicas não podem ser compreendidas pela consciência racional, onde o ego exerce sua função central.

Para esclarecer este aspecto, “as imagens arquetípicas em sonhos indicam muitas vezes uma mudança de rumo no desenvolvimento do ego ou

¹ O pensamento coletivo é influenciado pela consciência de massa, comum entre indivíduos de um determinado tempo e espaço, enquanto o inconsciente coletivo “está relacionado com a estrutura arquetípica universal da psique e é nossa herança humana e comum” (SANFORD, 1988, p. 63).

compensam uma estrutura do ego formada de modo inadequado” (HALL, 1983, p. 95).

Sendo o ego um complexo, que, por sua vez, está subordinado à dimensão arquetípica, é necessário a amplificação do sonho para chegar o mais próximo possível da mensagem enviada. É quando “[...] a livre associação pode levar o indivíduo de um sonho qualquer aos pensamentos secretos mais críticos” (JUNG, 2008, p. 28). É nessa tecitura de ideias que podemos chegar mais próximo de seus significados, visto que a atividade onírica tem vários propósitos. Algumas vezes são de natureza compensatória, em relação ao ego, outras vezes, embora mais raro, o sonho pode antecipar eventos futuros, que são os sonhos premonitórios. Nesta perspectiva, “[...] os sonhos podem exprimir verdades implacáveis, sentenças filosóficas, ilusões, desenfreadas fantasias, recordações, planos, antecipações, e até visões telepáticas, experiências irracionais e sabe Deus o que mais” (JUNG, OC 16/2 § 317).

Há também os sonhos recorrentes que persistem em nos alertar para a necessidade de mudanças em nossas atitudes e, enquanto nos mantivermos ofuscados, negando os, eles se repetem até que possamos ouvi-los e refletirmos sobre o que está oculto em seus símbolos. Entendemos que “o sonho recorrente é um fenômeno digno de apreciação” (JUNG 2008, p. 62). Apreciar o sonho é permitir que se abra um canal de comunicação para que o inconsciente faça fluir lentamente seus conteúdos mais profundos, os desconhecidos pela consciência.

Para receber essas informações inovadoras e aproveitar delas os ensinamentos necessários, precisamos estruturar o ego para evitar invasões desastrosas, pois, “os sonhos assemelham-se àquele jato de óleo arremessado de nosso interior profundo” (SANFORD, 1988, p. 8) que podem ser incompatíveis com um ego ainda fragilizado, justamente, pelo grande distanciamento com suas raízes psíquicas.

Um bom casamento entre consciente e inconsciente requer tempo de aceitação, aprendizado, adaptação e maturidade que podem levar a aproximação dos opostos em busca de sua totalidade, ou seja, a individuação.

Podemos perceber os sonhos como uma importante ferramenta para ser utilizada no processo analítico, tendo em vista que ela seja uma via de acesso à dimensão onde moram os mistérios, cuja revelação pode nos tirar da obscuridade e da visão opaca de nossa própria vida.

Entendemos, que o sentido original da palavra “símbolo” esclarece a finalidade da atividade onírica em nossas vidas. O que não enxergamos durante o dia, nos é revelado à noite, para que se cumpra o encontro das duas metades de nossa psique, separadas ao longo de nossa caminhada: o racional e o irracional, num reencontro de alma e corpo com o propósito de nos tornarmos inteiros.

Este estudo requer aprofundamento e o que foi apresentado é apenas a ideia inicial de um projeto em curso, visando melhor aprofundamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HALL, James A. **Jung e a Interpretação dos Sonhos**, São Paulo: Editora Cultrix, 1983.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique**. Petrópolis: Vozes, 1984.

JUNG, Carl Gustav. **Ab-Reação, Análise dos Sonhos, Transferência**. Vol. XVI/2. Petrópolis: Vozes, 1999.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MEIER, C. A. **Sonho e Ritual de Cura – incubação antiga e psicoterapia moderna**. São Paulo: Paulus, 1999.

PIERI, Paolo Francesco. **Dicionário Junguiano**. Petrópolis: Vozes, 2022.

SANFORD John A. **Os sonhos e a Cura da Alma**. São Paulo: Paulus, 1988.